

O VERBO E O TEXTO: UMA REFLEXÃO PARA O ENSINO

Abstract

This article deals with some textual aspects of nominalisation; in other words, with the ways one uses abstract nouns in order to express the semantic continuity of discourse. Two basic roles of nominalisation are distinguished here: one referred to the speech acts performed by the characters involved in the text, and another referred to propositions and predicates present in the text. The study of this device is relevant both to the development of a semantic theory of discourse and to the improvement of reading and condensation of texts.

Palavras-chave: texto, enunciado, enunciação, nominalização, coesão lexical

Introdução

A análise dos tempos do verbo apresentada nas gramáticas escolares e nos manuais didáticos em geral tende a induzir o aluno a identificar os conceitos de presente, passado e futuro com as noções do tempo cronológico expressas principalmente por advérbios como **antes/ontem, agora/hoje e depois/amanhã**, a despeito das lições da lingüística, que dasautorizam tal correspondência. Com efeito, a pessoa que fala – ou escreve – “comanda”, por assim dizer, a atividade discursiva, normalmente transformando-a – ou colaborando para transformá-la – numa complexa rede de atos de significação que têm no *eu*, no *aqui* e no *agora* do discurso seus pontos de referência. A representação do tempo como categoria da linguagem verbal é parte dessa atividade discursiva, para a qual o momento da enunciação (ME) é um ponto de referência entre outros.

Em nome de um entendimento desse assunto mais adequado ao processo de leitura/produção de textos, convém que analisemos as relações de tempo expressas na frase portuguesa em função de três variáveis: o momento da enunciação (ME) – o agora do falante; o momento que, em relação ao ME, serve de ponto de referência (PR, isto é, presente, passado e futuro) para a ocasião (IT) em que o fato expresso

pelo verbo “acontece”; e, por fim, a ocasião mesma do fato (IT), ou seja, o segmento da linha do tempo em que se situa o fato expresso pelo verbo, e que pode ser anterior, posterior ou contemporâneo ao PR.

À luz dessa abordagem – e como comprovação de sua relevância didática – podem-se caracterizar diferentes tipos de texto, modos diversos de organização do discurso, e explicar o funcionamento do discurso de diferentes enunciadores (polifonia) presentes no mesmo texto.

Neste trabalho apresentamos uma análise das relações de tempo do verbo mediante a articulação das três variáveis discriminadas acima: ME, PR e IT. As categorias de número e pessoa, do modo e do aspecto também são apresentadas para complementar o estudo textual do verbo, mas ocupam aqui um lugar secundário.

Nosso objetivo é sugerir uma estratégia de trabalho de reescrita de textos a fim de sensibilizar o leitor para o funcionamento das categorias do verbo na construção do sentido dos textos.

O ato e a situação de fala

O tempo e o espaço são partes substanciais das relações do homem com o mundo. A chave para entendermos essas relações é o verbo SITUAR. Qualquer ato de comunicação é situado no tempo e no espaço. Na situação típica de comunicação - o diálogo - o indivíduo que fala refere-se a si mesmo como EU e designa seu ouvinte como TU/VOCÊ. Ao referir-se ao espaço em que se encontra, o indivíduo que fala identifica-o como AQUI; e ao referir-se ao momento em que fala, pode designá-lo como AGORA.

EU, VOCÊ, AQUI e AGORA não nomeiam indivíduos, lugar e época determinados e constantes, mas apenas ‘o indivíduo que fala’, ‘alguém a quem ele se dirige’, e o ‘lugar’ e a ‘ocasião’ em que ocorre o diálogo. Seus conteúdos não são, portanto, objetivos e externos à fala (como ‘Paulo’, ‘Maria’, ‘na sala’ e ‘às 10 horas’), mas situacionais e exclusivos do ato de falar, fora do qual não podem ser reconhecidos. Esta maneira de significar recebe o nome de DÉIXIS (termo derivado de uma palavra grega que significa ‘indicar, mostrar’), e as categorias

gramaticais de pessoa e tempo por tomarem o enunciador e o momento da enunciação como referência – se dizem categorias dêiticas.

A pessoa que fala - ou escreve - “comanda”, por assim dizer, a atividade discursiva, normalmente transformando-a - ou colaborando para transformá-la - numa complexa rede de atos de significação que têm no eu, no aquí e no agora do discurso seus pontos de referência. Tanto a época em que se situam os conteúdos de nossos enunciados quanto os indivíduos que tomam parte nele têm o respectivo ponto de referência no momento da enunciação (ME) e na pessoa do enunciador (= eu).

O verbo e seus tempos

Esse agora - momento da enunciação - é o ponto de referência do enunciador, e os fatos e idéias a que o enunciador se refere nas frases podem ser situados em época anterior ou em época posterior a esse ponto de referência (**PR**). Dizemos tradicionalmente que o que se situa em época anterior ao momento da enunciação *está no passado* (ex.: ‘O Brasil conquistou a Copa do Mundo’) e que o que se situa em época posterior ao momento da enunciação *está no futuro* (ex.: ‘O homem *descerá* em Marte’). Tudo que o falante não precisa, não quer ou não pode situar em uma dessas duas épocas – anterior ou posterior ao momento da enunciação – vem representado, por exclusão, como *presente* (ex.: ‘O Oceano Atlântico *banha* a costa brasileira’, ‘As mangas *são* frutas tropicais’, ‘O Sol *nasce* para todos’).

A noção de presente como tempo gramatical não pode, portanto, ser definida como “momento em que se fala”. Quando alguém diz ‘A água ferve a cem graus’ ou ‘O sol nasce para todos’, enuncia fatos verdadeiros em qualquer época, ou porque são verdades científicas ou porque o falante tem essa opinião sobre eles. O que importa, nestas proposições, é que a pessoa que as enuncia o faz de maneira genérica, sem precisar situá-las na linha do tempo.

Já quem diz ‘Os soldados voltaram da guerra’, ‘Minha mãe trabalhava na lavoura’ ou ‘O foguete pousará em Marte’, está referindo-se a fatos que têm uma localização temporal, se não específica, pelo menos necessariamente anterior ou posterior ao momento da enunciação.

Tudo isso é muito óbvio e simples. Mas a linguagem tem seus caprichos, como veremos a seguir.

Outros pontos de referência

Nós não vivemos somente de nossas relações com a circunstância imediata: o aquí e agora do discurso. Somos dotados de imaginação e de memória, faculdades que nos permitem “afastar-nos” do aquí e agora, nossa experiência imediata do mundo. Esse afastamento do aquí e agora nos aproxima, entretanto, de “outros lugares e momentos”, que passam a ser outros pontos de referência. É o que fazemos quando contamos casos e histórias, reais ou

fictícios (v. abaixo o exemplo *a*), ou ainda quando imaginamos uma situação, certa (v. exemplos *b* e *c*) ou hipotética (v. exemplo *d*).

a) “Eu nasci em São Lázaro e concluí lá o primeiro grau. A cidade tinha *então* pouco mais de 50 mil habitantes e nenhuma escola técnica. Eu desejava me formar em contabilidade, e fui pra capital estudar.”

b) “Estava tudo pronto para o início da competição. Quando a luz verde acendesse, os carros arancariam para a decisão do título mundial.”

c) “Quando você pegar a estrada principal, observe o primeiro sinal. Dobre à esquerda e siga em frente uns 500 metros. Você vai ver um posto de gasolina. Eu vou estar lá esperando.”

d) “Agora vamos deixar os papéis exatamente como os encontramos. Assim, amanhã ninguém vai desconfiar que estivemos aqui.”

Isto não quer dizer que abandonamos o ponto de referência da enunciação - o aquí e agora - mas, sim, que adicionamos a este ponto um segundo, que também funciona como ponto de referência. Nos exemplos citados acima, em *a* alguém relata uma experiência real localizada no passado, em *b* alguém relata uma situação provável localizada no passado, em *c* uma pessoa dá orientação a outra para localizar um endereço em momento futuro, e em *d* alguém propõe uma ação com vista a um desdobramento futuro.

Os exemplos *a* e *b*, acima, referem-se a eventos situados no passado, e os exemplos *c* e *d* a eventos situados no futuro. Veja que em *b* temos três momentos sucessivos localizados no passado: o momento em que tudo está pronto, o momento da luz acesa e o momento da partida dos carros. Ao dizer ‘*Estava tudo pronto para o início da competição*’ o enunciador se desloca mentalmente para o passado e, desse novo ponto de referência, passa a dizer o que vai acontecer. O que se segue - o acender da luz e a partida dos carros - são, portanto, fatos posteriores ao momento em que ‘*Estava tudo pronto*’. Por outro lado, em *c* o falante transporta-se mentalmente para um momento futuro - ‘*Quando você pegar a estrada principal*’. Esse **momento futuro** é o ponto de referência das ordens ‘observe’, ‘dobre’ e ‘siga’. Por fim, em ‘ninguém vai desconfiar que estivemos aqui’, há dois pontos de referência: o **agora** da enunciação, em relação ao qual ‘ninguém vai desconfiar’ é futuro, e o **momento futuro** em que está situado o ‘ninguém vai desconfiar’, em relação ao qual ‘estivemos aqui’ é passado.

Temos, portanto, três pontos de referência para a ordenação temporal dos fatos e idéias que constituem o conteúdo de nossos discursos. Um é o aquí e agora, presente em todos os enunciados. É um ponto de referência básico e necessário. Os outros dois, dependentes do primeiro porque se apóiam nele, têm em comum o deslocamento mental do falante para um ponto no passado (exemplos *a* e *b*) ou para um ponto no futuro (exemplos *c* e *d*).

As três variáveis das relações de tempo

Por tudo isso, as relações de tempo expressas na frase em português envolvem três variáveis: o momento da enunciação (ME), o **agora** do falante; o momento que serve de ponto de referência (PR = *presente, passado* ou *futuro* em relação ao ME) do fato expresso pelo verbo. E o intervalo de tempo (IT), ou seja, o segmento da linha do tempo em que se situa o fato expresso pelo verbo. O intervalo de tempo (IT) pode ser **anterior, posterior** ou **contemporâneo** ao PR).

Em uma formulação esquemática, temos o seguinte quadro:

Momento da Enunciação (ME)

.....

Ponto de referência (PR) **Passado** **Presente** **Futuro**

Interv. de tempo (IT) *Ant. Cont. Post. Ant. Cont. Post. Ant. Cont. Post.*

Não há em português formas verbais diferenciadas para todas as distinções de tempo apresentadas acima. Uma mesma forma verbal pode exprimir mais de um conteúdo temporal, como é demonstrado mais adiante. Isso dependerá da frase, do contexto de comunicação e do advérbio de tempo selecionado para cada situação. O que temos nesse quadro é, portanto, uma situação teórica, de conteúdos temporais possíveis e exprimíveis por meios variados.

As categorias de tempo e pessoa na reescrita de textos

Utilizamos a seguir uma crônica de Rubem Braga – *Homem no Mar* – para exemplificar o processo de reescrita que pode revelar a funcionalidade textual das categorias de pessoa e de tempo do verbo, na medida em que demonstra como essas categorias contribuem na construção do sentido dos textos. Na versão I, altera-se o ponto de referência (PR) de presente para passado; na segunda, altera-se o enunciador, que passa a ser o homem que nada. A maioria das alterações é consensual entre as pessoas – geralmente alunos – às quais proponho que procedam à reescrita; outras alterações – poucas – estão, porém, sujeitas a diferentes leituras. O interessante dessa tarefa é a oportunidade de discutir os fundamentos das soluções encontradas.

HOMEM NO MAR

De minha varanda vejo, entre árvores e telhados, o mar. Não há ninguém na praia, que respande ao sol. O vento é nordeste, e vai tangendo, aqui e ali, no belo azul das águas, pequenas espumas que marcham alguns segundos e morrem, como bichos alegres e humildes; perto da terra a onda é verde.

Mas percebo um movimento em um ponto do mar; é um homem nadando. Ele nada a uma certa distância da praia, em braçadas pausadas e fortes; nada a favor das águas e do vento, e as pequenas espumas que nascem e somem parecem ir mais depressa do que ele. Justo: espumas são leves, não são feitas de nada, toda sua substância é água e vento e luz, e o homem tem sua carne, seus ossos, seu coração, todo seu corpo a transportar na água.

Ele usa os músculos com uma calma energia; avança. Certamente não suspeita de que um desconhecido o vê, e o admira porque ele está nadando na praia deserta. Não sei de onde vem essa admiração, mas encontro nesse homem uma nobreza calma, sinto-me solidário com ele, acompanho o seu esforço solitário como se ele estivesse cumprindo uma bela missão. Já nadou em minha presença uns trezentos metros; antes, não sei; duas vezes o perdi de vista, quando ele passou atrás das árvores, mas esperei com toda confiança que reaparecesse sua cabeça, e o movimento alternado de seus braços. Mais uns cinquenta metros, e o perderei de vista, pois o telhado o esconderá. Que ele nade bem esses cinquenta ou sessenta metros; isto me parece importante; é preciso que conserve a mesma batida de sua braçada, e que eu o veja desaparecer assim como o vi aparecer, no mesmo rumo, no mesmo ritmo, forte, lento, sereno. Será perfeito; a imagem desse homem me faz bem.

É apenas a imagem de um homem, e eu não poderia saber sua idade, nem sua cor, nem os traços de sua cara. Estou solidário com ele, e espero que ele esteja comigo. Que ele atinja o telhado vermelho, e então eu poderei sair da varanda tranqüilo, pensando – “vi um homem sozinho, nadando no mar; quando o vi ele já estava nadando; acompanhei-o com atenção durante todo o tempo, e testemunho que ele nadou sempre com firmeza e correção; esperei que ele atingisse um telhado vermelho, e ele o atingiu.”

Agora não sou mais responsável por ele; cumpri o meu dever, e ele cumpriu o seu. Admiro-o. Não consigo saber em que reside, para mim, a grandeza de sua tarefa; ele não estava fazendo nenhum gesto a favor de alguém, nem construindo algo de útil. Mas certamente fazia uma coisa bela, e a fazia de um modo puro e viril.

Não desço para ir esperá-lo na praia e lhe apertar a mão; mas dou meu silencioso apoio, minha atenção e minha estima a esse desconhecido, a esse nobre animal, a esse homem, a esse correto irmão.

Janeiro, 1953

Versão modificada I, com mudança da perspectiva temporal

De minha varanda eu via, entre árvores e telhados, o mar. Não havia ninguém na praia, que resplendia ao sol. O vento era nordeste, e ia tangendo, aqui e ali, no belo azul das águas, pequenas espumas que marchavam alguns segundos e morriam, como bichos alegres e humildes; perto da terra a onda era verde.

Mas percebi um movimento em um ponto do mar; era um homem nadando. Ele nadava a uma certa

distância da praia, em braçadas pausadas e fortes; nadava a favor das águas e do vento, e as pequenas espumas que nasciam e sumiam pareciam ir mais depressa do que ele. Justo: espumas são leves, não são feitas de nada, toda sua substância é água e vento e luz, e o homem tem sua carne, seus ossos, seu coração, todo seu corpo a transportar na água.

Ele usava os músculos com uma calma energia; avançava. Certamente não suspeitava de que um desconhecido o via, e o admirava porque ele estava nadando na praia deserta. Eu não sabia de onde vinha essa admiração, mas encontrava naquele homem uma nobreza calma, sentia-me solidário com ele, acompanhava o seu esforço solitário como se ele estivesse cumprindo uma bela missão. Já nadara em minha presença uns trezentos metros; antes, não sei; duas vezes o perdera de vista, quando ele passara atrás das árvores, mas esperei com toda confiança que reaparecesse sua cabeça, e o movimento alternado de seus braços. Mais uns cinqüenta metros, e o perderia de vista, pois o telhado o esconderia. Que ele nadasse bem aqueles cinqüenta ou sessenta metros; isto me parecia importante; era preciso que conservasse a mesma batida de sua braçada, e que eu o visse desaparecer assim como o vira aparecer, no mesmo rumo, no mesmo ritmo, forte, lento, sereno. Seria perfeito; a imagem daquele homem me fazia bem.

Era apenas a imagem de um homem, e eu não poderia saber sua idade, nem sua cor, nem os traços de sua cara. Estava solidário com ele, e esperava que ele estivesse comigo. Que ele atingisse o telhado vermelho, e então eu poderia sair da varanda tranqüilo, pensando – “vi um homem sozinho, nadando no mar; quando o vi ele já estava nadando; acompanhei-o com atenção durante todo o tempo, e testemunho que ele nadou sempre com firmeza e correção; esperei que ele atingisse um telhado vermelho, e ele o atingiu.”

Depois disso eu não era mais responsável por ele; cumprira o meu dever, e ele cumprira o seu. Admirava-o. Não conseguia saber em que residia, para mim, a grandeza de sua tarefa; ele não estava fazendo nenhum gesto a favor de alguém, nem construindo algo de útil. Mas certamente fazia uma coisa bela, e a fazia de um modo puro e viril.

Não desci para ir esperá-lo na praia e lhe apertar a mão; mas dei meu silencioso apoio, minha atenção e minha estima àquele desconhecido, àquele nobre animal, àquele homem, àquele correto irmão.

Versão modificada II, com mudança do ponto de vista do enunciadador

De sua varanda um homem vê, entre árvores e telhados, o mar. Não há ninguém na praia, que resplende ao sol. O vento é nordeste, e vai tangendo, aqui e ali, no belo azul das águas, pequenas espumas que marcham alguns segundos e morrem, como bichos alegres e humildes; perto da terra a onda é verde.

Mas ele percebe um movimento em um ponto do mar; sou eu que estou nadando. Nado a uma certa distância da praia, em braçadas pausadas e fortes;

nado a favor das águas e do vento, e as pequenas espumas que nascem e somem parecem ir mais depressa do que eu. Justo: espumas são leves, não são feitas de nada, toda sua substância é água e vento e luz, e o homem tem sua carne, seus ossos, seu coração, todo seu corpo a transportar na água.

Uso os músculos com uma calma energia; avanço. Sei que aquele desconhecido me vê, e me admira porque estou nadando na praia deserta. Ele não sabe de onde vem essa admiração, mas encontra em mim uma nobreza calma, sente-se solidário comigo, acompanha o meu esforço solitário como se eu estivesse cumprindo uma bela missão. Já nadei em sua presença uns trezentos metros; antes, ele não sabe; duas vezes me perdeu de vista, quando passei atrás das árvores, mas esperou com toda confiança que reaparecesse minha cabeça, e o movimento alternado de meus braços. Mais uns cinqüenta metros, e me perderá de vista, pois o telhado me esconderá. Que eu nade bem esses cinqüenta ou sessenta metros; isto lhe parece importante; é preciso que eu conserve a mesma batida de minha braçada, e que ele me veja desaparecer assim como me viu aparecer, no mesmo rumo, no mesmo ritmo, forte, lento, sereno. Será perfeito; a minha imagem lhe faz bem.

É apenas a imagem de um homem, e ele não poderia saber minha idade, nem minha cor, nem os traços de minha cara. Está solidário comigo, e espera que eu esteja com ele. Que eu atinja o telhado vermelho, e então ele poderá sair da varanda tranqüilo, pensando – “vi um homem sozinho, nadando no mar; quando o vi ele já estava nadando; acompanhei-o com atenção durante todo o tempo, e testemunho que ele nadou sempre com firmeza e correção; esperei que ele atingisse um telhado vermelho, e ele o atingiu.”

Agora ele não é mais responsável por mim; cumprui o seu dever, e eu cumpri o meu. Admira-me. Não consegue saber em que reside, para ele, a grandeza de minha tarefa; eu não estava fazendo nenhum gesto a favor de alguém, nem construindo algo de útil. Mas certamente fazia uma coisa bela, e a fazia de um modo puro e viril.

Ele não desce para ir esperar-me na praia e me apertar a mão; mas dá seu silencioso apoio, sua atenção e sua estima a este desconhecido, a este nobre animal, a este homem, a este correto irmão.

Bibliografia

- BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral*. São Paulo: Comp. Ed. Nacional, 1976.
- BRAGA, Rubem. *A cidade e a roça*. RJ: José Olympio, 1957.
- BUENO, Eduardo. *Náufragos, traficantes e degredados*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.
- ILARI, Rodolfo. *A expressão do tempo em português*. São Paulo: Cortez, 1997.
- KOCH, Ingedore V. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1984.
- PINTO, Milton J. *As marcas lingüísticas da enunciação*. Rio de Janeiro: Numen, 1994.